

JOSÉ DOS SANTOS ANIKÁ

trajetória de vida e memória de um pajé



LUX VIDAL

JOSÉ DOS SANTOS ANIKÁ

trajetória de vida e memória de um pajé

LUX VIDAL

lepé / 2022

“Pode ser uma realidade, pode ser uma lenda,
mas é uma história”.
(Manoel Labontê)

“Para contar uma história é preciso ter coragem”
(José dos Santos Aniká)

APRESENTAÇÃO

Tenho como convicção que os textos sobre a trajetória de vida do pajé Aniká e a sequência adotada falam por si só. Gostaria apenas de comentar alguns episódios que merecem destaque.

Tive poucos contatos com o pajé Aniká durante os muitos anos que convivi com os povos indígenas Karipuna, Galibi Kaliña, Palikur e Galibi-Marworno, no extremo norte do Brasil. Os encontros se resumem a três ocasiões de curta duração. O enfoque nesta publicação é essencialmente estes encontros, estes poucos momentos em que estivemos juntos.

Apesar de fluir em tom de conversa, o primeiro depoimento é longo, e realça as duras provas no caminho de quem é chamado "de nascerença" a ser um xamã tradicional poderoso, reconhecido pelos diferentes povos indígenas da região. Todo este preparo considerado necessário para se tornar um grande pajé é realçado e comprovado pelo depoimento do Sr. Lucival Roberto dos Santos, enfermeiro e com quem eu muito conversava. Depoimento curto, objetivo, que contextualiza e legitima de maneira contundente a formação e força do pajé Aniká. Uma trajetória específica, única (nenhum pajé é igual a outros), mas cujas crenças e conhecimentos são compartilhados por todos.

Antonella Tassinari já havia descrito o xamanismo entre os Karipuna em seu livro "O Bom da Festa", confirmando esta espiritualidade, fortemente presente, explícita e até hoje presente entre este povo, segundo o depoimento de Sedrick dos Santos, neto do pajé Aniká, apesar de tratar-se de temporalidades e objetivos diferentes.

Como o nosso encontro naquela primeira tarde no Encruzo foi uma conversa descontraída e não planejada, deixando fluir perguntas e respostas, estabeleceu-se entre nós e os presentes certa cumplicidade, um bem estar.

A cena seguinte, já de noite, é mais intimista e revela todo o carinho e fidelidade de Ezídia e Aniká pela Santa de Pedra, encontrada na "natureza", quarenta anos atrás, fidelidade que se revelou constante na vida de Aniká, conciliando o que aparentemente poderia ser visto como incoerente e contraditório. Apesar de evangélico confesso, ele cuida dos seus Karuãna, vai a uma festa para agradecer a um parente, comparece à missa quando é o Nello que oficia e após se desfazer de todas "as imagens" ainda guardava uma, de São Jorge Cavalheiro. O passado tem o seu peso e é respeitado. A proposta de

uma igreja evangélica e ao mesmo tempo indígena, pelo seu filho Cláudio, mostra um comovido esforço espiritual e filosófico de conciliação.

No dia seguinte à nossa "conversa" Aniká nos convidou para participar de uma reunião na aldeia Açaizal, onde desenvolvia atividades administrativas como Chefe de Posto da FUNAI. O texto revela, em tom resolutivo e às vezes irônico, as mazelas de um funcionário público em uma região, naquela época, ainda pouco integrada à Nação.

Aniká e o Exército é um exemplo de como, durante a ditadura militar, oficiais recrutavam os índios que haviam escolhido servir voluntariamente na Colônia Militar de Clevelândia e o pouco cuidado da mídia oficial ao publicar uma reportagem sem medir as consequências possíveis para os indígenas.

Encontrei o pajé Aniká pela segunda vez, rapidamente, em Kumarumã quando foi chamado, às pressas, para ajudar a afastar os maus espíritos que provocavam crises fortes de possessão naquela comunidade especialmente. Era reconhecido como um pajé forte, capaz de enfrentar situações difíceis e de risco. Com a sin-

ceridade que lhe era habitual, me expôs a situação e suas próprias limitações. Ele possuía uma invejável capacidade de reflexão sobre si mesmo.

O nosso último encontro foi no Manga em 2008 quando, estando ele já aposentado, conversamos com calma, na presença de Ezídia e da Santa de Pedra. Ainda reuniu forças, naquele momento, para contar uma história, de grande impacto sobre a criação de uma paisagem por seres do outro mundo – um ambiente construído com coragem e habitado por humanos e não humanos, tal como, para concluir, coloca seu neto Sedrick dos Santos, estudante universitário, resgatando a trajetória de vida de seu avô e dos *kahuan*, "essa família", para a preservação do território indígena.

E, por fim, o epílogo que encerra esta jornada à espera de uma generosa renovação.

Lux Vidal

DEPOIMENTO DO PAJÉ ANIKÁ

No dia 22 e 23 de janeiro de 1996, Lux Vidal, acompanhada de seu aluno Laércio Fidelis Dias, conduziu uma conversa com o Pajé e Chefe de Posto Aniká (José dos Santos Aniká), sobre sua atividade xamânica.



Aniká:
Os *Karuãna* tem um pajé que os comanda. Quando eu falecer, eu morro e um desses *Karuãna* se aproxima e conhece meus filhos e se agrada de um deles, se eles se agradarem de um deles, eles podem incorporar. Então isso aí é o ponto de vista de um pajé quando ele morre e que os *Karuãna* vão, vão, como é que se diz, incorporar num parente dele, né. Eu tenho de nascença, que é meu carma, eu nasci já vendo alguma coisa.

Lux Vidal:
Os *Karuãna* se incorporam num parente qualquer?

Aniká:
Num parente qualquer, que agrada. Vamos dizer, o filho.

Lux Vidal:
Os *Karuãna*, quando morre um pajé, podem também se agrada com uma filha, com um parente mulher.

Aniká:
Podem, sim.

Lux Vidal:
Agora se os *Karuãna* não gostam de ninguém dos parentes do pajé que morreu, o que eles fazem?

Aniká:
Vão embora.

Lux Vidal:
Para onde?

Aniká: Os que são da mata vão para a mata, os que são do espaço vão para o espaço, os que são da água vão para a água. Sempre permanecem *Karuãna*.

Lux Vidal:
E eles vão querer procurar outro dono?

Aniká:
É, porque o pajé no momento em que ele está incorporado né, ele anda muito. Aí ele pode encontrar com um desses que não tem dono né. E começarem a se agrada.

Lux Vidal:
É nas suas viagens que o pajé encontra os *Karuãna*. Pode acontecer que um pajé encontre *Karuãna* que não gostem dele, e querer fazer mal?

Aniká:
Não, eles apenas conversam e acabou-se.

Lux Vidal:
Os *Karuãna* eles são homem ou mulher ou eles são uma coisa assim...?

Aniká:
É não, são homem e mulher.

Lux Vidal:
Tem Karuãna que são mais poderosos do que outros?

Aniká:
É igualmente assim, eu comparo como quando o pajé é curador mesmo, então eu comparo assim como uma equipe de saúde. Tem o médico, que opera, tira a doença, tem o enfermeiro, e tem os elementos conhecedores de remédios.

Lux Vidal:
O médico que opera?

Aniká:
É o *Karuãna*. O pajé em si não sabe de nada. Sem os *Karuãna*, ele não faz nada.

Lux Vidal:
E o médico que não opera seria comparado a que?

Aniká:
Têm os que somente para malinar os outros.

Lux Vidal:
Para?

Aniká:
Para malinar, pra matar os outros. Os *Karuãna* flechadores, caçadores.

Lux Vidal:
Que são os feiticeiros?

Aniká:
É, tem pajé que gosta muito desse pessoal, ele ajunta muito. São da mata né. Mata das cordilheiras da montanha.

Lux Vidal:
E os enfermeiros são Karuãna também?

Aniká:
São. Os enfermeiros eu comparo como o médico e o farmacêutico. O operador vem e faz o serviço tá, tá, tá e vai embora, ele não pode ficar muito tempo. Ele não pode ficar, motivo de não ficar muito tempo: ele não gosta de barulho, não gosta de latido de cachorro, ele não gosta que ninguém fique tossindo perto dele. Então ele vem, faz o serviço dele rápido e vai embora, aí vem o farmacêutico que vem dar o medicamento. E o enfermeiro aplica. Aí fica um elemento ali, do lado do doente, pra os detalhes dos medicamentos, fazendo lembrar também o nome do medicamento que foi passado pelo farmacêutico.

Lux Vidal:
O Karuãna farmacêutico, faz o remédio né.

Aniká:
É, ele aplica o remédio pro doente. É o *Zami*, o *Zami* é um *Karuãna*, ele que faz aplicação deste medicamento.

Lux Vidal:
E me diga, no patoá, como chama o médico que faz rápido, que não gosta de barulho, como que é em patoá?

Aniká:
Mun Laposiniê. Ele vem das nuvens, é o pessoal das sete estrelas, eles que vem fazer este serviço, são os cirurgiões.

Lux Vidal:
Eles vêm das nuvens, das estrelas. Laposiniê que são as estrelas.

Aniká:
É as sete estrelas. *Mun bocu, mun laposiniê*, quando ele chega e o pajé está fazendo o serviço aqui pra tratar do doente, um doente muito grave, aí o pessoal *mun bocu la ka vini laposiniê ka vini gade* (em patoá). São os últimos a ser chamados, eles não são chamados por qualquer besteira não. Tem uma feridinha, “vamos chamar o *Laposiniê*”, não, não chama não. *Laposiniê* só vem pra fazer alta cirurgia, né.

Lux Vidal:
Então esse médico de serviço rápido é Mun Laposiniê, tá. E o farmacêutico como se chama?

Aniká:
Tem o, bora dizer assim: tem um gavião por nome *japakani*, ele é um bom farmacêutico, conhece muito medicamento. E tem o outro por nome é, um passarinho, ele mora no centro, nas montanhas, também ele é um bom farmacêutico, ele conhece muito medicamento, é o, ai, esqueci o nome dele agora. Um bom farmacêutico é o, é o, *Kãkã*. É ele mesmo, é o mestre *Kãkã* e o mestre *Japakani*. Todos eles são bons.

Lux Vidal:
Conhecem bons remédios. São pássaros né. Bom, então temos Laposiniê e temos Japakani e *kãkã* né. E depois, aquele que seria como o enfermeiro que aplica, como que se chama?

Aniká:
Ah, esse aí é o *Zami*. É o intérprete.

Lux Vidal:
Eles são pássaros, são bichos, o que eles são?

Aniká:
É, muitos são pássaros, muitos vêm das nuvens, são elementos com contato com as sete estrelas, outros são

pai da mata, outros são cobra, outros são gaviões.

Lux Vidal:
Agora, os Mun Laposiniê, os Kākā, por exemplo, o Zami, tudo é Karuãna?

Aniká:
Tudo são *Karuãna*

Lux Vidal:
São diferentes tipos de Karuãna com funções diferentes e que vem em momentos diferentes da cura, aparece um e vai embora logo, o outro vai fazer o remédio, o outro vai aplicar.

Aniká:
É isso.

Lux Vidal:
E entre eles, eles conversam, o Zami conversa com o Laposiniê?

Aniká:
Quem determina isso aí é o médico cirurgião, ele vai dizer, olha, eu estou aqui pra fazer a cirurgia desse doente, e vai ficar encarregado do medicamento o *Zami*, o *Karuãna* fulano de tal. Só ele que desempenha, ele que desenrola tudo.

Lux Vidal:
E são todos Karuãna daquele pajé que está lá presente?

Aniká:
Daquele pajé.

Lux Vidal:
Todo pajé tem muitos Karuãna, pode ter até quantos Karuãna?

Aniká:
Ah, pode ser muitos.

Lux Vidal:
O senhor sabe quantos Karuãna o senhor tem?

Aniká:
Olha é meio um pouco difícil eu saber, um pouco difícil. Tem muitos.

Lux Vidal:
Quais são os Karuãna que o senhor mais chama, são os do mato, os da água ou do céu?

Aniká:
Quando eu trabalho, eu trabalho assim já com uma finalidade, é que eu tenho um doente atacado. Aí, eu já mando buscar só os elementos que têm conhecimento de um tratamento.

Lux Vidal:
E quando o senhor faz, quer dizer, tem um Karuãna que faz o diagnóstico etc, etc. Quem é que vai preparar aqui, agora neste mundo, quem é que vai preparar o remédio?

Aniká:
Tem um responsável, eu vou falar com um responsável do doente. Você garante fazer esse medicamento aqui. Ele (*Karuãna*) vai passar o medicamento, mas o trabalho dele é descer e passar o medicamento, ele diz pronto, eu estou aqui, qual foi a doença que foi tratada aqui. O *Paliká* (auxiliar do pajé) ele sabe, ele diz foi tal doença. E qual foi o médico que operou, ele diz fulano de tal, ele me deixou encarregado de passar o medicamento pra você. Fica com o nome do medicamento que eu vou passar. Aí ele diz, vamo bora dizer: mastruz, folha de limão, raiz de cravo, não sei o que, não sei o que, não sei o que... Até logo. O *Karuãna* já passou pro *Paliká*.

Lux Vidal:
E o Paliká vai ter que lembrar?

Aniká:
Tem que anotar, tem que escrever tudo, ta, ta, ta e ta e tchau.

Lux Vidal:
Aí o Paliká fala pra todo mundo que está presente?

Aniká:
Pros responsáveis do doente. “Vocês se escutaram? Vamo ver se a

gente não se esqueceu de nada e é isso, isso, isso”. Aí desce outro companheiro (*Karuãna*) pra dar o horário, o detalhe do medicamento que deve ser usado. Vamo dizer, você vai tomar o chá da folha da laranja três vezes por dia. Um exemplo né. Então é assim, aí tá. O outro tem que ser emplastro né, outro tem que ser um purgante. Terminou, dali ele vai embora, ele não fica não, o pessoal não demora lá não. Então, no final, vai ficar o enfermeiro, junto com o parente responsável do doente, vão ficar do lado dele até ele melhorar. Aí vai dar as comidas que ele pode comer, a bebida que ele pode tomar; vai ficar perto do doente tendo contato com o pajé. Porque o invisível, o *Paliká* não vê, não vai ter como conversar com ele, ele vai ter contato com o pajé e o pajé orienta quem está fazendo o remédio, aquele, bora dizer assim, como nós.

Lux Vidal:
Porque lá na casa do Colombo, é Dona Emídia que depois no dia seguinte faz remédios.

Aniká:
Minha senhora faz também, quando não tem ninguém pra fazer é

ela que desenrola. Agora tem um responsável do doente que é interessado também, conhece, tem conhecimento, conhece até os medicamentos lá da mata, bora dizer, *arari*, *tauene*, *apicuriuá*, ele conhece, tem gente que conhece tudo isso, então ele já faz. Geralmente não pode comer *pitxiu*, só pode comer isso, só pode comer aquilo, não pode comer muito sal. Aí deixa direitinho pra ele.

Lux Vidal:

E o doente durante a cura, a cura pode durar três dias, uma semana ou um mês, o doente tem que ficar perto do pajé para o pajé sempre ir orientando?

Aniká:

É, sempre. Porque é, também comparo assim como um médico, todo dia ele tem que falar com o doente dele. Então todo dia ele está lá, qualquer coisa, se ele está indo bem ou se o medicamento não está fazendo efeito, tudo isso a gente vê. Alguma remosa que ele comeu, algum troço desconhecido que não pode. O pajé estando ao lado dele, ele percebe.

Lux Vidal:

E me diga uma coisa, o senhor tem certos Karuãna, esses Karuã-

na, esses mesmos Karuãna podem ser de outro pajé também?

Aniká:

Não.

Lux Vidal:

Cada um tem os seus. É dono de Karuãna diferentes.

Aniká:

Eu vou no *Laposiniê*, é uma cidade lá. Eu chego lá, eu vou falar com o pessoal lá e ver meus companheiros que me servem. Outro pajé também pode ir lá, acertar lá o que ele vê que é bom. É assim.

Lux Vidal:

O senhor reconhece os seus Karuãna entre os outros?

Aniká:

É.

Lux Vidal:

O senhor conversa com eles?

Aniká:

Tem que conversar que é pra gente poder entrar em acordo e trabalhar junto, né.

Lux Vidal:

Agora qual é o acordo que o senhor faz com os Karuãna, o senhor vai pedir umas coisas para os Karuãna, não é? Para que eles

façam diagnósticos, para que eles dêem remédios. E eles, os Karuãna, eles pedem o que? Eles pedem alguma coisa em troca do senhor?

Aniká:

O pagamento disso tudo, a amizade, a camaradagem é justamente nós fazer uma sessão né, e reunir eles, tipo assim, tipo assim uma Assembleia, tipo assim uma reunião como eu fiz hoje. Conversar lá com eles e dizer que eu preciso deles. Aí eles dizem, tudo bem não tem problema. Mas, bora dizer, eu converso com eles agora fim de janeiro, eles dizem tudo bem, não tem problema, nós vamos trabalhar com você. Mas só que em maio você tem que fazer um *Turé* pra nós com muita bebida, com muita flecha (cigarro de tauari) e perfume do mar.

Lux Vidal:

Perfume do mar?

Aniká:

Do mar, do campo, perfume da mata. A história é linda. Aí sim, eles vão me considerar como dono deles. Amanhã vou mostrar lá em cima pra senhora, perfume da mata.

Lux Vidal:

Então o Turé é o pagamento né, que o senhor faz?

Aniká:

Bebida, comida, caxixi, aquela diversão. Quando os *Karuãna* fazem tratamento eles cobram. Normalmente precisam de tantos litros de caxixi, tantas latas, tantos potes pra tal dia. O pagamento, aí o doente melhorou? Ficou bom? Está. Aí eles se reúnem com a família e fazem o caxixi. A gente vai fazer o *xitotó* (a cantarola) que eles dizem, somente pra cantar e beber. Das 6 da noite às 6 da manhã.

Lux Vidal:

Onde?

Aniká:

Vamos reunir dentro dessa casa e o pajé vai cantar e mandar buscar tudo esse pessoal que trabalharam, pra beber, fumar e conversar a noite inteira. Então, é o tal pagamento deles. E entre o doente com o pajé, aí é outra coisa né.

Lux Vidal:

O doente paga o pajé segundo a doença?

Aniká:

É. Se ele fica bom né, se ele melhorou, se ele se sente curado. Então tá, quanto que é? Isso aí ele está conversando comigo. “Quanto Seu Aniká, seu trabalho?” Se eu quiser cobrar eu digo, se não eu

digo “quanto você quiser me dá está bom”. Se ele não quiser, eu dou o meu preço. Mas para os *Karuãna* é caxixi, tabaco no *tauari*, fumar a noite toda. Eu pago eles, não fico devendo a ninguém não. Mas só que tem que pagar o pajé também (risos).

Lux Vidal:
Vem pessoas de longe curar aqui com o senhor?

Aniká:
Vem.

Lux Vidal:
Mas daqui da área ou vem de fora da área?

Aniká:
De fora da área.

Lux Vidal:
De onde?

Aniká:
Eu tenho *Karuãna* que moram nas cabeceiras do Oiapoque, lá no Tumucumaque. Tem um que mora no Cajari, Karipurá, Estrela. Tenho também que mora lá no Maracá, aqui no oceano, em Belém com Maracari. A senhora vê que tem gente de longe. Gente não, espírito né.

Lux Vidal:
Qual é a diferença, o senhor faz uma diferença entre *Karuãna*, espírito, encantado?

Aniká entendeu “pessoas” (doentes) como sendo *Karuãna*.

Aniká:
Só mesmo *Karuãna*.

Lux Vidal:
É tudo *Karuãna*.

Aniká:
É tipo Palikur. Palikur qualquer pessoa ele diz cunhado, pode ser branco, pode ser preto, pode ser o que for, velho, novo, é cunhado.

Fica claro aqui que *Karuãna* é um termo genérico para os invisíveis que se comunicam com o pajé.

Lux Vidal:
E o Paliká?

Aniká:
O *Paliká* pode ser a senhora, pode ser ele (Laércio). Meu *Paliká* é minha senhora. É quem serve o pajé né, acende o cigarro pra ele, dá bebida pra ele, fala com ele. A senhora quer falar comigo, bora dizer, a gente começa às sete horas da tarde a pajelança né, aí quando dá umas oito horas a senhora quer sair, aí a

senhora tem que falar que a senhora quer ir lá fora um instante, falar com meu *Paliká*, então, ele diz: “olha, a doutora Lux quer sair”, aí ele: “tudo bem”, ele conversa lá com a sentinela dele (*jãdam*, em patoá). Ele está cercado, está cercada a casa, está cercado lá o porto, tudo cercado pra o outro pajé não vir porque ele malina muito. Então a senhora não pode sair sem a minha autorização que eles podem lhe segurar lá fora.

Lux Vidal:
Ah sei. Isso só os Zami, que são tudo camaradas, que estão fazendo esta cerca de segurança. Porque tem outros *Karuãna* de outros pajés querendo melindrar?

Aniká:
É, agora tem que fazer isso. Quando não, outros espíritos sem dono mesmo, eles vem. No *Turé* eles podem fazer isso, na dança de *Turé* vem muita gente que não tem dono, eles vem beber, às vezes vem com má intenção, até de matar o pajé mesmo.

Lux Vidal:
Tem *Karuãna* cuja função é ser sentinela?

Aniká:
É, são minhas guardas. Quando eu cheguei no Encruzo era cheio de visagens aí dentro, não podia dormir, batiam na porta, eu abria a porta e via gente andando na ponte, gente conversando no porto, só que isso acabou tudo. Durante oito anos que estou aqui não aconteceu mais isso, não. Acabou tudo. Tudo é silêncio, pode dormir sozinho aí que não tem nada. Então, nem jacaré vem aí pra comer meus cachorros (risos). Então têm os elementos invisíveis.

Lux Vidal:
Eu fiquei toda a noite com o Carlos (cacique do Manga e filho de Aniká) esperando o jacaré bater na porta, mas não veio.

Aniká:
Então é isso a finalidade dos *Zami*, dos *Karuãna*, pro pajé ele é seguro mesmo.

Lux Vidal:
Agora me diga uma coisa, como o pajé incorpora os *Karuãna*? Os *Karuãna* como que eles chegam até o senhor, como que eles são chamados?

Aniká:
Chamando eles por intermédio de uma canção né.

Lux Vidal:
Ah sim, o senhor canta uma canção e eles vêm.

Aniká:
Chamando eles. A canção fala o nome dele.

Lux Vidal:
Ele entra no senhor, como que é?

Aniká:
Ele pode entrar e pode chegar ao meu lado só. Antes de eu mandar chamar ele, eu tenho que me incorporar. Incorporar no mestre, é o mestre, ele tem muita força, muita resistência. Sem ser isso, inocentemente, assim como eu estou, não posso incorporar ninguém, nem receber o *Karuãna* perto de mim. Não estou pronto pra isso. Depois que eu incorporo nele ou ele incorpora em mim, aí sim. O patoá diz assim *lexel dji payé*, chama *lexel*, a escada dele. Então essa minha escada pode ser o que, pode ser fogo, pode ser uma navalha, pode ser um terçado muito grande, tem que montar em cima disso. Se eu não tiver coragem de montar, eu fico aí esperando, é perigoso. Mas depois que você aceita o *lexel* não tem problema, você se preparou, se defumou, chamou, ele vem, aí pronto, pode incorporar. Aí depois

que eu montar em cima do cavalo, do meu *lexel*, aí eu saio correndo, corro aqui pro Cajari, corro aqui pra fora, corro aqui pro oceano, é por isso que a gente encontra muitos *Karuãna*.

Lux Vidal:
E o senhor quando incorpora está dentro da tocaia?

Aniká:
Dentro da tocaia.

Lux Vidal:
Com o maracá.

Aniká:
Com o maracá, é.

Lux Vidal:
Ah sei, e está falando com ele?

Aniká:
Falando com ele.

Lux Vidal:
E está falando com a mesma voz ou com outra voz?

Aniká:
Não, muda a voz. Tem voz de mulher, é *Zami* mulher que chegou. É, porque tem tipos de pessoas, aqui como nós, né. Tem homem que fala grosso, tem mulher que fala fino. Têm outras que chegam se lamentando, chorando, assim.

Lux Vidal:
Porque o senhor faz a voz desses *Karuãna*?

Aniká:
É porque é eles que fala, né.

Lux Vidal:
Eles falam em que língua?

Aniká:
Tudo, todo tipo de língua. Porque, como eu falei agora, tem *Karuãna* Português, tem Crioulo, Índio, *Waiãpi*, tem Saramaká, tem tudo. E algumas línguas que a gente não entende. O *Zami* está aí pra isso. Vamo agora dizer que desce um *Karuãna* Palikur aqui na minha tocaia e me incorpora ou chega aqui perto de mim, vai falar na língua palikur. Aí, não tem ninguém que entenda, chama o *Zami*. Se ninguém entende a língua, o *Zami* responde, pronto. “Você não está entendendo? Ele está dizendo isso, assim, assim”. O *Paliká* diz “Ah, tá certo, quer um copo de água?”. E o *Zami* “não, quero um copo de caxixi, quero uma flecha, quero *tauari*”.

Laércio F. Dias:
Como que o Paliká entende aquilo que o Zami fala pra ele?

Aniká:
É porque o *Zami* fala na língua do *Paliká*. Vamo dizer, o *Paliká* fala o patoá. Aí chega o *Karuãna* Palikur, vai falar daqui da tocaia, o *Paliká* está lá escutando. O *Zami* está do meu lado e diz “Ele está dando boa noite pra você, está perguntando se está tudo bem, se não tem doente”. O *Paliká* responde e é o *Zami* que fala pra ele “Tá bom, tá ok, obrigado”. Então tem o *Zami*, que é o intérprete. Se não tiver não tem andamento a sessão né.

Laércio F. Dias:
O Zami interpreta para as pessoas.

Aniká:
É, pro *Paliká*, pra pessoas que não entendem. Aí o trabalho vai embora, e é bonito.

Lux Vidal:
O senhor precisa fumar muito, beber muito caxixi pra poder incorporar e montar em cima do *lexel*?

Aniká:
Não, não. Isso é rápido. Entrou dentro da tocaia, se defumou e tal, deu umas tragadas bonitas, sacudiu o maracá e já está vindo.

Lux Vidal:

Quando o senhor incorpora o Karuãna, o senhor tem que primeiro tirar o que, a sua alma, o seu espírito e por ao lado ou não?

Aniká:

Não, não tira não. Só que você se concentra né. Se concentra pra receber ele.

Lux Vidal:

Quando o senhor recebe o Karuãna, por onde que ele penetra?

Aniká: Ah, ele penetra assim, você sente o choque né. Você sente um choque. Isso aí não é o *Karuãna*, é o *lexel*, o *Karuãna* ele não incorpora na gente. É o *lexel*, ou você incorpora nele ou ele lhe incorpora, um dos dois. Ou ele vem de vez em cima de você. Porque se eu vou em cima dele, incorporo nele, ele vem lhe buscar.

Lux Vidal: Então, o mais certo pra você, é você lutar, ir e montar nele.

Aniká:

Bora dizer que meu *lexel* é o fogo né, aí eu tenho que entrar no fogo, não deixar ele vir em cima de mim. É perigoso. Se ele vem em cima de mim eu caio. Aí eu

vou dar trabalho pra ela (*lexel*) porque eu estou lá brigando comigo. Então é assim. Mas o *Karuãna* ele não incorpora, apenas ele chega assim como vocês estão do meu lado.

Lux Vidal:

Ah sei, o Karuãna só chega. O impacto é com *lexel*.

Aniká:

É com *lexel*.

Lux Vidal:

E que você precisa montar pra poder receber.

Aniká:

Pra poder receber o pessoal. Simplesmente assim como eu estou eu não recebo não, *Karuãna* nenhum. Eu não estou preparado. Tem que ter *lexel*. Aí depois que incorpora *lexel* aí posso receber.

Lux Vidal:

E pra depois se desfazer, quando acabou tudo, pra se desfazer dos Karuãna e do *lexel* o que você faz?

Aniká:

Tem também o cântico né.

Lux Vidal:

Ah, tem o canto de despedida.

Aniká:

É, de despedida, aí no final do canto você dá uma defumação, pega uma flecha (cigarro de *tauari*) nova, e tal e dá uma defumação, tchau até outra vez, até outro contato. Assim é que é o pajé.

Lux Vidal:

E agora, eu gostaria que o senhor contasse como que o senhor se tornou pajé, porque o senhor diz que já desde nascença, de pequenino.

Aniká:

É que eu já vinha sonhando desde jatinho assim, com sete anos eu dormia, eu já via no meu sonho, eu via Cobra Grande, às vezes eu estava no mato. Eu gostava de ver meu *lexel* que é fogo, lá vem aquela tocha de fogo em cima de mim, aí eu gritava: mamãe, ela dizia: o que é, eu falava: nada, estou sonhando. Às vezes, depois de eu rapaz de uns 11 anos, estou pescando quando eu escutava, “hei cara!”. Depois eu fui me adaptando, não fiquei com medo mais, antes eu ficava, depois não. E começou aparecer, no mato, quando ia caçar.

Lux Vidal: Mas o senhor disse que é pajé de nascença, por que é que foi de nascença?

Aniká:

Porque quando eu conheci, quando eu entendia alguma coisa, eu já via ele. Ninguém me passou nada pra mim. Eu já via ele, então, sabe.

Lux Vidal:

Mas se o senhor é pajé de nascença, seu pai é um “bicho”, “do fundo”?

Aniká:

Não, não é.

Lux Vidal:

Porque acontece né, que mulher menstruada que vai banhar...

Aniká:

É, acontece esse tipo de coisa também né. A mulher menstruada vai passar no rio, e está lá e fica gestante. Aí ganha bebê, é filho de Cobra Grande, vamo bora dizer, então teve muito pajé assim, eles são pajés bons. É mesmo como pajé de nascença. Só que o pajé de nascença já é diferente, não foi a mulher gestante, não foi bicho, não foi nada, só que ele nasceu com aquele dom.

Lux Vidal:

E o senhor então, já de pequeno viu que tinha esse dom, e como que o senhor foi se formando pajé?

Aniká:
Eles foram aparecendo pra mim, os *Karuãna*, né, que gostavam de mim, foram aparecendo, foram, foram, eu acho que eles acompanharam a minha idade né, com 12 anos, 13 anos, aí eu fiz sessão. Daí apareceu *Karuãna*. Quando eu sacudi o maracá, apareceu muito *Karuãna*.

Lux Vidal:
Mas o senhor fez a primeira sessão aos 12 anos?

Aniká:
É, 12 a 13 anos.

Lux Vidal:
Ah é, já. E sempre continuou fazendo.

Aniká:
Aí pronto, eu fiz dança de *Turé*, comecei a tratar de doente. Foi aprovado meu tratamento. Foi bom.

Lux Vidal:
É, a comunidade tem que aprovar também né. Os pajés você acha que tem uma tendência de viver um pouco isolados do resto da comunidade. Há anos que o senhor está no Encruzo, o Colombo está no Tauahu, o Janjan também muitas vezes está no sítio dele.

Aniká:
O pajé não gosta de estar no meio de muito movimento. Atrapalha né, atrapalha, muita coisa assim, movimento, às vezes tem um dia dele, ele está com os *Karuãna* pra conversar, sexta-feira, segunda-feira, dia de lua cheia, lua nova, quarto crescente, então ele não tem, no meio de muito barulho, ele não tem essa oportunidade. Ele não tem essa tranquilidade de ficar com o pessoal dele pra conversar.

Lux Vidal:
Mas o senhor fala todos os dias com os seus *Karuãna*?

Aniká:
Tem uns que a gente fala diariamente que são justamente as sentinelas da gente.

Lux Vidal:
Fala todos os dias e fala sobre o que com eles.

Aniká:
A gente conversa, que tal, tudo bem, tudo bem, eles falam, posso dar uma tragada, por isso não posso deixar de fumar. Parei de fumar três meses, mas não posso parar totalmente. O cigarro é o que te faz ver eles, ter contato com eles. Então é assim.

Lux Vidal:
E quando o senhor estava no Exército, o senhor também continuava falando com eles?

Aniká:
Sim.

Lux Vidal:
Mas o senhor não falava nada pra os seus superiores militares?

Aniká:
Alguns deles já sabiam, também lá aparecia muito pajé. Às vezes ele olhava pra mim e dizia assim, você entende alguma coisa de pajé, eu dizia, entendendo, ele dizia, pois eu também sou, oficiais.

Lux Vidal:
Oficiais que são pajés, ah é?

Aniká:
Oficiais, soldados, cabos.

Lux Vidal:
Mas que não eram índios?

Aniká:
Não, branco.

Lux Vidal:
Branco?

Aniká:
Branco.

Lux Vidal:
Que eram pajés.

Aniká:
Chegavam e olhavam pra mim e diziam assim, você é pajé já? Ah sim, vamos trabalhar, amanhã a gente trabalha junto. Apareceu muito lá.

Lux Vidal:
Interessante.

Aniká:
Trabalho de terreiro né.

Lux Vidal:
E me diga uma coisa, os dois pajés Saramaká, que vieram na sua casa?

Aniká:
Não, dois Waiãpi.

Lux Vidal:
Dois Waiãpi que foram pra sua casa?

Aniká:
Conhecido nosso.

Lux Vidal:
Sim.

Aniká:
Pra dar uns banhos, pra melhorar mais. Aí eu disse que sim, aí eu fui. Então, quando eu saí de lá, vieram me entregar pra mamãe, então a gente tinha muito contato, morava

também perto de uma vila saramaká, tinha muito amigo lá, tinha pajé. Eles fazem o *obiá*, todo saramaká faz o *obiá*, né.

Lux Vidal:
O que seria o *obiá*?

Aniká:
O *obiá* ele vira o bicho que você incorpora. Aí falaram pra mamãe também sabe, você vai pra lá. Você vai pra lá. Me perguntaram, você quer ir, eu digo eu quero. Eu passei nas mãos dos pajés saramaká também. Lá com os pajés saramaká eu passei 60 dias. Eu me lembro benzinho que eu passei 25 dias tomando um pouquinho de cachaça, só isso era minha alimentação, fiquei magro, magro, magro.

Lux Vidal:
E sua mãe sabia?

Aniká:
Sabia, ela dizia assim, eles estão fazendo garantia pra ele, e é bom.

Lux Vidal:
Isso era entre os Saramaká?
Mas onde, era do outro lado? Em Tampac?

Aniká:
Não lá em cima, lá no alto Oiapoque, em Camopi.

Lux Vidal:
Tem Saramaká lá?

Aniká:
Tem.

Lux Vidal:
Quantos anos você tinha?

Aniká:
Eu estava pra fazer 12, 13 anos. Eu estava me preparando.

Lux Vidal:
Aí eles viram que o senhor era pajé e levaram você lá? Na aldeia deles?

Aniká:
É, pra dar banho, fazer sessão, eu via muita coisa deles lá.

Lux Vidal:
Como chamava o Saramaká?

Aniká:
Muxê Pano.

Lux Vidal:
E os pajés waiãpi o que fizeram com o senhor?

Aniká:
Eles fizeram a mesma coisa né.
Tem o pajé *Kaimã* e o pajé *Napik*, os *Waiãpi*. No Saramaká era *Muxê Pano* com o filho dele, *Tipanô*.

Lux Vidal:
E o senhor acha que os Saramaká têm *Karuãna* africano mesmo?

Aniká:
Tem.

Lux Vidal:
Eles acham que vem da África?

Aniká:
Não sei.

Lux Vidal:
E o senhor, como é que o senhor faz a relação entre essas coisas de pajelança, essas crenças indígenas e o catolicismo e a coisa evangélica, como que o senhor combina as diferentes crenças?

Aniká:
Não, é que a gente está pensando hoje né, para abandonar tudo isso, pajelança. Deixar *Karuãna*, deixar tudo, pra seguir somente o evangelismo. A ideia da gente é isso. Estou procurando um meio, agora é um pouco difícil, é difícil, mas a gente já está encontrando de arranjar um companheiro que queira receber eles (os *Karuãna*), e passar assim como foi passado do pai do Colombo pro Colombo. O meio é esse aí, e abandonar.

Lux Vidal:
Quando você fala a gente, você está falando de você, você não está falando dos *Karipuna* em geral?

Aniká:
Estou falando da minha pessoa. É a pergunta que a senhora fez, como é que eu vou fazer com os *Karuãna*, pajelança e tal. Então é deixar. Porque a religião não permite que eu continue sendo um pajé e sendo um religioso evangélico.

Lux Vidal:
Agora os católicos eles permitem que o senhor seja pajé também né? Os católicos permitem.

Aniká:
Não sei.

Lux Vidal:
O padre Nello nunca foi contra o senhor ser pajé.

Aniká:
Não, ele não foi contra, mas eu não estou me baseando assim como as pessoas, como assim padre, como pastor, eu me baseio com Deus. Deus não permite que eu seja pajé. Eu estou trabalhando com coisas invisíveis, com espíritos, então Ele não permite. Vou ter que beber, vou ter que fumar, vou ter que fazer muitas coisas que Ele não admite,

que Deus não admite. A senhora está entendendo? Então é isso.

Lux Vidal:

Agora os seus Karuãna, você é dono deles, você tem que fazer alguma coisa com estes Karuãna, não pode só dizer, ó tchau.

Aniká:

Não, não. É justamente o que eu estou dizendo, já estamos tentando ver se a gente encontra uma pessoa que receba eles.

Lux Vidal:

O senhor já encontrou?

Aniká:

Não, já temos mais ou menos certo aí.

Lux Vidal:

Aí você entrega os seus Karuãna e você...

Aniká:

Eu dou o material tudo, entrego o material tudo, os *Karuãna*. Antes disso, faço uma sessão pra conversar com eles que eu vou repassar eles pra fulano de tal. Que é um amigo e tal vou dar, né, e passo. Mas tem que conversar muito.

Lux Vidal:

É claro. Os Karuãna podem ficar bravos não?

Aniká:

É por isso que eu digo que tem que conversar muito. Ter um grande acerto, não é assim.

Lux Vidal:

É, porque eles têm que gostar da outra pessoa.

Aniká:

E é eu que tenho que fazer eles gostar. Apresentar ele como meu amigo, muito e tal, vai tratar deles como eu. E até que ele se incorpore e faça a primeira sessão na minha presença. Aí depois disso eu entrego.

Lux Vidal:

Bonito né, bonito. É porque essa coisa também é Karipuna, é indígena, é "*no sistem*" como chamam, também não pode desaparecer totalmente né. O que você acha?

Aniká:

É, não pode, e não pode mesmo. Eu não vou poder me sair deles assim, se não é capaz que eles me segurem (risos). Se eu deixar eles e sair correndo, eles vão correr atrás de mim.

Lux Vidal:

Os seus Karuãna sabiam que você tem aquela santa de pedra?

Aniká:

Eu acho que sim, viu.

Senhor Aniká e a Santa de pedra

“Nós temos uma santa de pedra encontrada no Taminã, numa roça, durante um mutirão. Essa santa, uma vez em Oiapoque, deixei em um lugar durante dias, quando voltei estava cheia de fitas, não sei quem fez isso. Um dia deixamos ela quase esquecida, mas quando nos lembramos fomos buscá-la, não sei qual mistério foi esse de lembrar dela e querer ela com a gente. Está aqui conosco no Encruzo. Achei ela 40 anos atrás. A gente se esquece, mas depois lembra e tem que ir buscar. Outras coisas a gente deixa, mas ela não”.



A Santa que Aniká e Ezídia guardavam é de pedra, de *hox (roche) camurere*. Quando foi encontrada na roça, o fogo não a havia pegado, o mato queimou ao redor, mas não perto dela. Segundo Ezídia: “Há pessoas que dizem que não é uma santa”. Ela comenta que a cabeça poderia ser de Santo Antônio, por causa do chapéu de bispo dele. O Nello não quis se pronunciar, não saberia identificar. Quando perguntei quem fez essa santa, Aniká me respondeu: “Só poderia ser a natureza. Foi encontrada no mato”.

Depoimento do Sr. Lucival Roberto dos Santos sobre o Pajé Aniká

“A pajé Cecília imitava a voz de homem, mulher e crianças, então tem todos esses *Karuãna*. A minha mãe criou a Cecília, no Curipi. Mas ela é Galibi Marworno. Ela não é pajé de nascença. Aniká e Cecília se formaram juntos pajé.

Foi assim: o meu pai fez roça no Paxiubal, na aldeia Espírito Santo. Havia três montanhas. Eles moravam lá. Durante a derrubada, às 3 horas, o meu pai mandou o meu tio pegar um balde d'água. Ele estava bebendo, quando o meu tio escutou como alguém dando um beijo, atrás dele. Olhou para trás e viu uma mulher atrás de um pau grande e o tio ficou impressionado com a aparição. Encheu o balde d'água e foi contar aos outros o que havia acontecido. Lhe disseram: “Você está porre”. O meu pai foi ao lugar e o cabelo dele ficou todo arrepiado, mas não viu nada. De tarde, éramos um bocado de jovens, que brincavam no terreiro. De repente, o Aniká, que tinha 12 anos, sumiu de nós e nós continuávamos a brincadeira. O Aniká apareceu na janela da casa e cuspiu em cima de nós que estávamos brincando. Fomos contar para a minha mãe que ralhou com ele e ele foi se deitar. Nós continuávamos a brincar e tomar banho e nos deitar. Deviam ser umas 9 horas. No silêncio o Aniká começou a falar. Meu pai disse: “É um pesadelo”. O meu pai foi até o mosquiteiro dele, ele estava de bruços, espumando e o olho vermelho. Não havia por perto pajé para defumá-lo e assim o meu pai o soprou. Quando o pajé canta os *Karuãna* só vem de noite. Às 5 horas da manhã ele dormiu, e deixaram ele dormir. Depois se recusou a comer e não queria brincar. Ele não queria nada e nem acordo com ninguém. Antes das 9 horas, ele foi se deitar, e como na noite anterior, começou a falar, mas ninguém entendia o que ele falava. Depois ele gritou, ele estava sentado. A mãe quis lavar a cabeça dele com água benta, mas a situação ainda piorou. A minha mãe fez um chá de alho, bem fedorento para o espírito ir embora. Não deu certo. Aí meu pai, que era meio “doido”, fez um cigarro, a mãe que preparou, aí quando sentiu o cheiro do cigarro o Aniká pulou em cima do meu pai e pegou o cigarro. Onde você encontrou esse fumo? Me defume com ele e o *Tauari*. Meu pai defumou e ele (Aniká) cantou o primeiro canto do bicho do fundo, que é o *Kadaicuru*. A partir dessa data o Aniká se tornou pajé, sendo o dono dele como pajé a Cobra *Kadaicuru*, porque o *Kadaicuru* mandou sua filha para se agradar com o meu tio, mas não se agradou e aí foi pegar o Aniká, quando brincando no terreiro.

Cecília foi nas mesmas condições, mas o mestre é outro, é o mestre *Arari*. Agora não sei se é o pássaro ou a árvore *Arari*. É uma árvore grande, que é um pajé, que tem espírito de pajé”.

O senhor Aniká narra sua trajetória de vida

“Aos quatro anos, fui a Oiapoque com a minha mãe (ela era separada). Com sete anos fui a Kumarumã para estudar. Já tinha escola lá. A minha professora foi Edoia Fernandes Monteiro, a Doquinha, que vive em Macapá. Mais velha do que a Verônica. Aos oito anos fui para o Curipi, Santa Isabel, estudar com a Verônica. Lá conheci a minha esposa. Em Santa Isabel eu vivia com o meu irmão Lourival do Paxiubal, já casado na época. Só estudava. Estava na casa dele para me sustentar. No final de 1949 fui para Oiapoque para trabalhar no garimpo. Tinha muito ouro. Trabalhei em um comércio de meu patrão brasileiro.

No final de 1952, em setembro voltei para o Curipi. Encontrei Ezídia de novo e casamos no dia 2 de setembro. Ficamos um ano no Espírito Santo e depois fomos para o Manga, os antigos já viviam lá. Depois ficou abandonado, mas havia muita caça e peixe. Isso foi em 1953, fizemos roça e casa. Foi muita gente para lá, no Campinho, no Paxiubal.

Naquela época começou o projeto e “pico” do ramal da BR. Ficamos no Manga até 1960. Em 20 de julho de 1960 saímos de lá e fui para Clevelândia para servir ao Exército. Era a 1ª Companhia do 3º Batalhão de Fronteira. Havia um grupo de cento e poucos militares. Guardavam a fronteira. Em 1961 passou a ser Colônia Militar. Era eu e mais cinco índios, porque em 1961 saiu uma lei que dizia que o índio poderia servir voluntariamente. Bem, e nessa brincadeira passei 20 anos! Saí no dia 21 de junho de 1981. Não pediam mais estudo. Comecei como recruta, depois soldado engajado, depois fiz um curso de saúde e fui promovido a cabo. Era em Clevelândia e a minha esposa acompanhou tudo. Fiz muitas missões fora. Fui nas cabeceiras do Oiapoque, no Tumucumaque, para averiguar divisões, as fronteiras com todas as nações vizinhas, Tabatinga, no Amazonas. Estive em Imperatriz, no Maranhão e estava em Marabá na época da guerrilha. Dava apoio moral na cidade, tinha muito desordeiro lá. Os soldados desfilavam lá de manhã. Por causa da guerrilha”.

Senhor Aniká e o Exército

Aniká, enquanto “índio conhecedor da mata”, foi recrutado para atuar nas ofensivas do exército contra a guerrilha na região de Marabá.

“Em 74 todos voltamos para o nosso lugar. Particpei um ano e oito meses, um ano no setor da saúde e oito meses como patrulheiro na linha de frente. O Osvaldão, lá em Roraima, no Pico da Neblina, foi pego em Marabá, na Serra das Andorinhas. Estivemos com os índios Surui do Sororô e os Gaviões”.

Em dezembro de 1995 Aniká foi entrevistado por repórteres da TV Globo, sobre sua atuação na guerrilha do Araguaia

“A reportagem do repórter da Globo saiu em dezembro de 1995. No sufoco falei tudo. Os repórteres me entrevistaram na FUNAI. Em janeiro de 1996 me chamaram em Clevelândia. O Comandante me questionou. A reportagem da Globo saiu na televisão. O Comandante me disse que para falar eu precisava da autorização do alto comando, do alto escalão do Exército.

Fomos chamados para combater. Eles diziam: vocês são os leões, tigres, boinas verdes. Eu pensei que eles falando isso, que isso era uma honra para nós.

Sou reformado e posso ser punido. Tenho um livro de guerra que esclarece que o soldado tem que obedecer às ordens de seus superiores. Não sabia que essa guerra era invisível, secreta. Eu disse aos militares que me ameaçavam: Vocês deveriam passar uma lei, dar uma palavra avisando os pracinhas que não poderiam falar. Posso ser preso e ainda perder o meu salário porque eu falei. Falamos com o repórter e eles publicaram tudo. Eu não sabia que hoje o partido comunista era legal”.

“Em 1981 vim para a aldeia de novo, para o Manga. O meu tempo de serviço no Exército terminou. Tinha mais seis anos a meu favor, mas não quis ficar mais. Falei com o Cacique Henrique que conversou com a comunidade. Ele me mandou uma carta em Clevelândia dizendo que a comunidade estava de acordo sobre o meu retorno, sem problema. Cheguei no mês de setembro, tempo de roça. Pedi um lugar para fazer a minha casa. Fiz uma casa acima do Manga, a 4Km, no Popote. Não queria barulho, nem movimento porque tinha saído do Exército. Fiquei lá dois anos.

Convidado a ser conselheiro da comunidade, pensei bem, não queria comandar, estava cansado. Mas aceitei. Fiquei oito meses como Conselheiro e depois fui convidado a ser cacique. Fui cacique dois anos e oito meses e depois fui convidado para ser chefe de Posto do Manga.

Aí pedi para vir no Encruzo, já estou aqui há nove anos”.



Senhor Aniká como Chefe de Posto do Encruzo

O Encruzo situa-se no encontro dos rios Curipi e Uaçá. A maré é bastante sentida neste lugar com uma subida das águas de mais de 10 m de altura. O lugar é totalmente inóspito. É um alagadiço com muito lodo e barro, por causa da maré que inunda o lugar onde está a casa do Posto. Há uma longa ponte que avança no rio com um mirante. Uma escada desce até o rio, que pode ficar bem longe quando a maré é baixa. O lugar é um cipoal de plantas de rio, e que precisa ser constantemente cortado, tarefa que cabia aos que estavam de castigo. Atrás da casa há alguns búfalos, e por causa do lodo apenas se anda em cima de um tronco de buriti.

É onde vive o pajé Aniká, chefe de Posto da FUNAI, sua esposa, os filhos e família, quando vem visitá-lo e ajudam em algum serviço. Ele vive de salário e pesca. Filhos e genros, quando estão aí, caçam. Alguém, ao passar, deixa um tracajá, peixe ou um pedaço de jacaré. Não há roças no lugar.

O Encruzo, por ser um ponto estratégico, foi fundado em 1930 pelo SPI. O inspetor Eurico Fernandes foi a primeira chefia do SPI na região.

A função do Encruzo, segundo Aniká, como o Km 90 e 70, é ser um Posto de vigilância, de fiscalização, das invasões e também de fiscalização dos índios para impedir a entrada de bebidas alcóolicas na área indígena, e a saída de recursos naturais para comercialização. Mas, diz ainda ele, de noite não há controle "porque estamos dormindo".

Na época do SPI tinha olaria, serraria, e máquina de beneficiar arroz e milho. Depois a FUNAI fez um projeto de olaria para os recursos do projeto Calha Norte, não deu certo, não foi para frente.

Até 1995 o Chefe de Posto do Encruzo era responsável, além do Açaizal, pelo Flecha. Em 1996, o Flecha ficou subordinado à administração Palikur do Kumenê.

A casa do Encruzo é construída sobre estacas de Acapu, uma madeira própria para aguentar a água. A água chega quase até a ponte e passa debaixo da casa, bem perto do assoalho de madeira, mas não chega a penetrar. Como diz Aniká, o jacaré literalmente bate à porta da casa. Ontem de noite ainda nos contou como no ano 1953 ele varria todo esse rio, de canoa, sozinho com a mulher dele, caçando jacaré de machado, para tirar o couro e vender aqui no Encruzo. Hoje na sua voadeira e motor 25Hp, às vezes, passando pelo lugar, ele diz para a mulher: "Você lembra do jacaré que nós matamos aqui", e, lembrando, ele aumenta a velocidade do motor e desliza a toda velocidade na água



Reunião no Açaizal em 23/01/1996

Como chefe de Posto, responsável e guardião do Encruzo, Aniká desenvolve atividades administrativas relacionadas à FUNAI.

No dia seguinte a nossa entrevista, viajamos com ele até o Açaizal, aldeia sob sua jurisdição, onde ele faria um levantamento e sua avaliação com a comunidade, tendo em vista o relatório anual a ser entregue à FUNAI de Oiapoque. Para esta tarefa ele pede que a comunidade se reúna na casa comunitária. Aniká aborda vários itens. Pergunta sobre a limpeza do pique, o traçado da demarcação, trecho de 5 km que cabe aos índios do Açaizal limpar. Monta-se um cronograma com número de participantes e data para a execução do trabalho e quantidade de combustível necessária.

Em seguida ele aborda a questão da educação. Pergunta à comunidade se o ano de 1995 foi positivo e avisa que reunião é para todo mundo falar. "Falem os professores".

O prof. Elizer fala: "Compramos um búfalo do Claudio (filho de Aniká) para os alunos. Comemos e o resto foi para a comunidade, botamos na geladeira."

"O dinheiro foi direto aqui?"

"Sim. No Açaizal o consumo do dinheiro foi correto."

Aniká avisa: "Agora não vai ter mais diretor na aldeia. Com 33 alunos haverá apenas um supervisor, só com 50, que haverá um diretor."

"O trabalho foi 150% bom", disse Aniká, "eu falei isso na Assembleia. A Assembleia me pediu: você quer que esses professores permaneçam no Açaizal? Eu falei que sim". A comunidade disse que sim, que continuem o Elizer e o Rosalvo, eles estão casados aqui na comunidade.

Aniká indaga sobre a conduta dos professores: "Elizer, a moral e o respeito foi bom?" Elizer informa: "Comecei em março, as professoras abandonaram. Foi mandado outro professor de fora. Eu recebi o trabalho atrasado, por isso trabalhei até o fim de dezembro. Os alunos não tiveram férias. Se eu errar, falem para mim. Eu sou do meu jeito. Vocês que decidem se querem que eu fique aqui. 100% foi o respeito."

Aniká comenta: "ele não estudou para perder a liberdade dele".

"Posso ir à festa e beber, o Presidente da República também bebe. É diferente ter o vício", explica Elizer.

Aniká pergunta: "Elizer se ausentou muitos dias fora da comunidade? Ele tem o direito de sair para receber e comprar as suas coisas. Elizer, foi o seu primeiro ano, meus parabéns para o seu trabalho e sua conduta."

"Agora Rosalvo, o senhor tem direito à palavra. O senhor foi bem atendido?"

"Eu agradeço à comunidade. Não pode só cobrar do professor, mas também da comunidade. Gostaríamos mais da presença dos pais, que às vezes nem sabem o que acontece com os filhos. Eu sou tudo aqui, não ensino apenas, eu dou bom exemplo de como viver em comunidade. Eu sou monitor e sou instrutor de bom exemplo. Eu respeito as pessoas, não depende do tamanho."

Aniká indaga: "Comunidade respondam, foi assim mesmo?"

Aniká resume: "A educação já foi discutido, agora é a saúde. O enfermeiro ainda está um pouco lele (por causa da festa de São Sebastião), então é a comunidade que responde, há 1 atendente e 1 agente comunitário."

Aniká pergunta: "Os nossos atendentes trabalharam bem? Mesmo sem medicamentos?"

"100% o trabalho dos enfermeiros". Foi a avaliação unânime.

Aniká fala sobre o controle. "O cacique, ele tem que saber de tudo. Ninguém faz as coisas sem falar com os outros".

Ele informa: "houve a entrega do caminhão para a aldeia Manga, mas a comunidade não aceitou porque o caminhão era muito velho e não queriam ficar com essa carcaça, esculhambado e sem condições de funcionar." E ainda adverte sobre a caça e a pesca, especialmente com relação ao pirarucu, que tem época certa para poder pegar. Aniká adverte que há doenças de brancos que chegam na área indígena, drogas e doenças venéreas. Já foi constatado um caso de AIDS. "Muito cuidado", disse.

"E a religião", pergunta Aniká, "como funciona? Vão à igreja (católica, a religião oficial), rezam no bom *Die, no dimãx?* Precisamos guardar a nossa religião, as nossas festas, precisamos conversar sobre isso na igreja, conversar com Deus."

"E tenham muito cuidado com a saída de índias e índios no meio da civilização."

“E como foi o trabalho da APIO, do João Neves?”

Com relação à “política” partidária dentro da comunidade, Aniká diz que não podem brigar.

“Estão atentos à “política eleitoral”? Nomeação de vereadores, quem é candidato? O prefeito cogitado para o Oiapoque, seria o presidente da APIO e o vice o Jairo. Toda a sociedade aceitou sua candidatura, ele fez um bom trabalho e ele tem ótimos contatos lá fora. O nosso prefeito vai ser o João Neves. Como está o título eleitoral de vocês?”

No final da reunião, a comunidade Açaizal precisa avaliar o Aniká como cacique.

“E aí? Como fica? Como está o Aniká para vocês?” Aprovado.

Senhor Aniká Evangélico

“Saí do Paxiubal com quatro anos. Falava apenas o patoá. Na época, quando eu era pequeno era a religião do índio, acreditavam em trovão, em lua, relâmpago, mas já sabia que Deus existia, mas não sabia como era o detalhe.

Agora nós acompanhamos o programa de rádio “Transmundial”; há 11 anos, os pastores das Antilhas Holandesas falam muito sobre a Bíblia e estamos aprendendo. Estamos pegando o caminho certo. Não queremos muita festa, mas como Chefe de Posto preciso participar de festas como a de São Sebastião, participo como Chefe de Posto, mas não como comunidade.

Leio a Bíblia. Há dois programas todos os dias: às 8 horas da noite e às 5 horas da manhã. Falam em português. Eles dão tudo pelo rádio, contato e tudo. Não se bebe, não se vai à festa. Ensinam como saber lidar com o próximo”.

Ezídia, segundo Aniká, é “a mais aprofundada”.

“A gente entende o católico e o evangélico. O católico não manda você beber nem ir à festa, mas o evangélico explica melhor as coisas. É como se eu tivesse dois professores, um eu entendo o outro não. Deus disse: ‘Aniká, se você erra é porque quer. Fiz tudo de bom e tudo de ruim, mas você pode escolher, você é livre para escolher’.

Deixei de participar da Festa do Divino, na Festa de Guadalupe não vou. Só fui para agradar a um parente, mas não entro no salão. Participo de uma missa quando é o Nello que oficia. Não temos imagens de santos, só uma imagem de São Jorge Cavalheiro”.

Uma proposta de igreja evangélica indígena

No ano de 2007, aposentado, Aniká vivia na aldeia Manga. Seu filho Cláudio se autodenominou pastor, após uma doença de sua esposa, e fundou uma nova igreja evangélica, apresentada por ele como genuinamente indígena, cujos fundamentos seriam obedecer à Bíblia ao pé da letra e fortalecer a cultura indígena. Perguntei como ele pensava lidar com a pajelança e o mundo dos *Karuãna*, tão presentes na cosmologia indígena. Ele me disse que minha pergunta era muito oportuna e que isso era também para ele uma preocupação, algo a ser discutido. Até aquele momento, tratava-se ainda de uma doutrina em construção. Disse-me que a igreja estava aberta para todos e que suas relações com a Igreja Católica continuariam boas, especialmente com o padre Nello. Ele quer combater o alcoolismo e os comportamentos desviantes dos jovens.

O pajé Aniká e o episódio de difícil controle caracterizado como crise

Em dezembro de 2007 começaram a ocorrer na aldeia Kumarumã alguns acontecimentos de difícil explicação, mesmo para as antigas lideranças indígenas, chamados de crise. Algumas pessoas, sobretudo jovens e mulheres em estado de possessão, relatavam ter estranhas visões – de bichos com chifres, pessoas sem cabeça, macacos, onças e outros animais –, passando, em seguida, a adoecer. Os que adoeciam indicavam os próximos que seriam afetados, afirmavam que a doença passaria a acometer também as crianças e os adultos, deixando a todos assustados e temerosos.

Em 2008 o pajé Aniká foi chamado para intervir e ajudar a controlar a situação. Em um trabalho intenso, percorreu a aldeia por toda uma noite – fumou muitos cigarros de tauari e bebeu muita cachaça –, retornando no dia seguinte para a aldeia Manga, onde reside. Mas não foi suficiente, casos graves voltaram a acontecer. Ele foi novamente chamado, e, dessa vez, avaliou que não adiantaria curar apenas os pacientes, seria preciso realizar um trabalho em toda a comunidade, o que foi feito. A situação, enfim, se acalmou, e os doentes foram se restabelecendo. O pajé Aniká informou que seria necessário retornar à aldeia duas ou três vezes para concluir o trabalho, e os primeiros acometidos pelo fenômeno, que ainda manifestavam crises, embora leves, se instalaram na aldeia Manga, próximo à sua residência, para que fosse dada continuidade ao tratamento.

Tive a oportunidade de conversar com Aniká naquela ocasião, que explicou que, devido a algum descuido, os *Karuãna* invadiam a aldeia em grande número, às vezes mais de quarenta de uma vez, tratando de atrair as pessoas mais vulneráveis. Ele, atuando, pedia aos *Karuãna* que parassem de atacar pessoas que não tinham como se defender, que as meninas eram jovens demais para serem chamadas, que não estavam preparadas, e, assim sendo, que se retirassem. Me disse que conseguia, mas que depois os *Karuãna* voltavam. Segundo Aniká, o episódio foi muito desgastante para todos.

Reencontro com o Sr. Aniká no Manga em 2008

Encontrei Aniká e sua esposa Ezídia no seu lindo cabe, comendo peixe em caldo com farinha. Envelhecido, mas tranquilo. Lembramos os bons tempos, no Encruzo, o episódio da “Santa de Pedra”. Em dado momento ele se levantou e, devagar, foi para sua casa. Pensei que estava cansado e desinteressado pela minha conversa. Mas voltou em seguida, carregando a Santa de Pedra, e a colocou em cima da mesa, sem dizer nada. Fiquei emocionada.

Aniká me disse que Padre Nello queria que a colocassem na capela, mas não concordaram.

Entre outras lembranças, comentei que, falando sobre mitos, narrativas, Manoel Labonté tinha afirmado que “pode ser uma realidade, pode ser uma lenda, mas é uma história!” Aniká, para minha surpresa, não comentou, mas respondeu contando também uma história, a seguinte versão sobre a Cobra Setetere.

“Era um Waiãpi, no Alto Oiapoque, no *Trois Sauts*. Ele estava em uma ilha, perto da margem do rio, com sua canoa. Ele houve um barulho, não sabe o que é, mas fica curioso e declara: “Se eu sobreviver, poderei contar a história, terei uma história para contar”.

Aniká diz que isso é corajoso!

“De repente abre-se um espaço, corre água, a mata cai pelos lados e aparece uma grande Cobra, a Setetere, que forma um grande poção no lugar, com muito barulho, que vai empurrando a ilha para a outra margem com o índio, canoa e tudo. A Cobra se instala aí, ela vinha acompanhada de muitas aves, depois ela desaparece no fundo, algumas aves ficam nesse mundo e algumas ela leva para o fundo. E tudo ficou, no ambiente, como ela criou”.

Quando Aniká estava no exército, eles foram pelo rio Oiapoque até o Tumucumaque. Chegando em *Trois Sauts*, Aniká avisou, “vamos com cuidado, que aqui mora uma grande cobra”. E, de fato, tudo estava como descrito pelo Waiãpi, a água descendo, o reboliço, a ilha, a mata caída.

O pensamento de Sedrik Aniká dos Santos sobre a importância do pajé e dos *Karuaná* para a gestão do território

"Meu nome é Sedrick Aniká dos Santos, sou Agente Ambiental Indígena. Durante as discussões para a elaboração do Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas do Oiapoque me chamou a atenção o quanto é preciso considerar o conhecimento dos pajés e dos *Kahuan*, quando falamos dos possíveis impactos de empreendimentos os *kahuan* precisam ser considerados. Em minha pesquisa refleti sobre a importância do pajé e dos *Kahuan* para a gestão do território, com apoio em entrevistas que realizei com um pajé, que é minha mãe, e esse foi também um motivo que me levou a escolher este tema para meu TCC no Ifap.

No ano de 2002 foi realizada, na cidade de Oiapoque, uma reunião, em que se discutiu sobre os recursos de nosso território e a vigilância dos recursos naturais. Após essa reunião, as lideranças indígenas buscaram parcerias para a realização de cursos de formação, e foram nomeados Agentes Ambientais Indígenas (Agamin). Agamin é o nome de um pássaro da região. Ele faz parte da nossa alimentação, é responsável pela arborização de nossa floresta e tem uma importância cultural nas histórias e no ritmo do canto do Turé.

Há muito tempo atrás, meu avô era um grande pajé. Ele me falava que a presença do pajé na comunidade era muito importante, pois o pajé exercia vários papéis: conselheiro, orientador do cacique e da comunidade. Ele me explicou que o pajé, junto com os *Kahuan*, promove a cura. O pajé e os *kahuan* ajudam a cuidar da nossa terra e da biodiversidade que ali existe. E depois minha mãe também nasceu com esse dom de ser pajé. A primeira vez que participei de uma sessão de pajelança foi em 1997 na aldeia Santa Izabel. Isso aconteceu no momento de transformação de minha mãe em pajé e foi a partir daí que comecei a participar e a prestar bastante atenção na importância do pajé com os *kahuan* para o povo Karipuna.

Essa relação pajé/ *kahuan* ajuda a entender como vivemos e como cuidamos do nosso território, que inclui os costumes, os conhecimentos e nossas regras. Através dessas duas entidades surgiram nossas regras e leis, que contribuem para manter a biodiversidade viva e a organização dos Karipuna até hoje. A prática do xamanismo com os seres sobrenaturais fortalece a organização social e a manutenção da cultura. Os *kahuan* ajudam no plano de gestão, porque em cada lugar da floresta existe o seu dono de morada – existem os espíritos dos lagos, os espíritos das montanhas, então, para visitar esses lugares, existem certas restrições ou regras.

Os *kahuan* são pessoas como a gente, mas são de outro mundo, o mundo dos espíritos. Nós os consideramos nossos médicos e guardiões de nosso território. São eles que estabelecem as nossas regras, e os *kahuan* não gostam de ser perturbados. Os *kahuan* habitam em vários lugares, como no espaço celeste, na terra firme e na água. Entre os *kahuan* do espaço estão *vã* (vento), *zetual* (estrela ou constelação), *lalin* (lua), *solei* (sol). *Kahuan* da terra firme que é *djiab dābuá* (mapinguari ou curupira), *yohokā maskilili* (matintaperera), *ahahi*, *kuhimoko*, *tawen*, *tawahi*, os *kahuan* da água, como *ahamahi* (cobra grande) e *lame* (maresia).

O meu avô José dos Anjos Aniká teve esse dom de ser pajé e passou por vários processos de transformação, com várias etnias – Karipuna, Galibi Marworno e Waiãpi do Camopi (Guiana Francesa). A partir daí, começou a contribuir com as comunidades, promovendo a cura. Muitas pessoas, de vários lugares e etnias diferentes, começaram a procurar meu avô. Depois ele assumiu como cacique na aldeia Manga e, passados alguns anos, assumiu a chefia de posto no Encruzo. Depois a minha mãe começou a sentir alguns sintomas, que provocaram uma crise de desmaios que levava vários dias, e que demorou quase um ano para melhorar. Ela também passou por dois processos de transformação, com o senhor João Martins, que era o pajé da aldeia Santa Izabel. O seu outro momento de transformação foi com o meu avô no posto do Encruzo, e, então, passamos a morar lá por vinte anos.

Os pajés dançam, cantam e bebem muito caxixi com os *kahuan* que vem ouvi-los cantar várias vezes sem repetir o canto.

Os *Kahuan* conseguem viver na natureza sem agredi-la. O pajé fala que no mundo dos *Kahuan* existem regras, é por isso que nós povos indígenas criamos várias regras para fazer a gestão de nossas terras. Os *kahuan* habitam em diversos lugares ou regiões do território indígena, eles se apresentam por região ou lugar, como a terra firme, o espaço ou a água, igual a nós, povos indígenas, que nos dividimos por etnias.

A ideia de incluir os *kahuan* no protocolo de consulta é fazer com que o governo e outras pessoas possam conhecer o nosso modo de vida, que é "*no sistem*" (nosso jeito de viver). Nessa relação, não existem só pessoas, animais e árvores, existem também os espíritos que fazem parte dessa família, e que nos orientam a fazer a gestão de nosso território e a manter o equilíbrio das espécies, fortalecendo a cultura do povo Karipuna. Esse foi um dos motivos para colocar em nosso protocolo de consulta os *kahuan* e outras formas de vida, também como sujeitos de direitos. Nós os consideramos seres vivos, sem eles não teríamos a proteção de nosso território. O Protocolo de Consulta e o Plano de Gestão das Terras Indígenas do Oiapoque vêm para contribuir com a conservação do nosso território, e para apoiar o diálogo com o governo". (SANTOS, 2019)

“Conta a história que no mês de maio *Laposiniê* – as Plêiades ou Sete Estrelas, que são também pajé – desaparecem no céu a oeste. Dizem que vão passear “no fundo” e mudar de pele. Esse “pessoal”, ainda que invisível, passa pela região em uma embarcação controlada por um pajé respeitado. Sua passagem é percebida pelos índios por causa das ventanias e tempestades. Dizem que nesta ocasião eles estão ocupados, distribuindo peixe, tracajá e caça pelos rios e pelas matas.

No mês de maio chove. No início de junho as Plêiades reaparecem no céu a leste, renovadas. O tempo é calmo. Tudo germina de novo, os filhotes crescem, tentam uma outra vida. Há muitas frutas, inajá, açaí e caça também. Chegam os peixes, todos de cabecinha para cima, fora d’água, olhando para o céu. As aves, os tracajás, tudo, até o jabuti quer enxergar *Laposiniê*. Há mulheres, ainda hoje, que não vão à roça arrancar mandioca antes das estrelas reaparecerem no céu. Tudo então se renova, as folhas são “brilhosas”, os camaleões sobem até o cume das árvores para brilhar ao sol, com o corpo ainda molhado pela chuva recente e todos os bichos olham para o céu. Mesmo os peixes levantam a cabecinha fora d’água para ver, de madrugada, as estrelas”. (LABONTÊ, s/d)



“Um jeito de olhar o mundo é um dos mais valiosos aprendizados. Esta foto me faz lembrar as primeiras viagens que fiz ao Uaçá em companhia de Lux. Estamos em uma aldeia de nome Encruzo, onde morava um dos mais poderosos xamãs das áreas. A gente nunca tinha entrevistado este xamã, e nesta viagem realizamos uma ótima entrevista com ele. Neste fim de tarde fomos até a ponte onde as embarcações ficam atracadas, e então vi a paisagem que está na foto: o céu refletido nas águas do rio Uaçá, o céu e o rio quase a se encontrar no horizonte, emoldurados pela floresta. Parecia a síntese de tudo o que conversávamos naquela aldeia. O céu, o rio e a mata, com todos os seres visíveis e invisíveis que povoam estes domínios, reunidos em uma única cena”. (Laércio Fidelis Dias)

Referências bibliográficas

- LABONTÊ, Manoel. Trecho resumido de narrativas de Manoel Labontê, Palikur da aldeia Kumenê e de Vavá dos Santos, Karipuna da aldeia Santa Izabel
- SANTOS, Sedrik. O pensamento do Pajé com os *Kahuan* para o Plano de Gestão das Terras Indígenas. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso Técnico em Meio Ambiente do Instituto Federal do Amapá – (Ifap). Oiapoque/AP, 2019.
- TASSINARI, Antonella. No Bom da Festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá. São Paulo: EDUSP, 2003. 413p
- VIDAL, Lux. A Cobra Grande: uma introdução à cosmologia dos povos indígenas do Uaçá e do Baixo Oiapoque – Amapá. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2007. 68p.

JOSÉ DOS SANTOS ANIKÁ trajetória de vida e memória de um pajé

Lux Vidal

ASSESSORIA EDITORIAL

Marina Sallovitz Zacchi

DEPOIMENTOS

José dos Santos Aniká, Lucival Roberto dos Santos e Sedrik Aniká dos Santos

CRÉDITO DAS IMAGENS

Lux Boelitz Vidal – capa, páginas 27,31 e 33

Laércio Fidelis Dias – páginas 08 e 44

PROJETO GRÁFICO

Renata Alves de Souza | Tipo Gráfico Comunicação

Programa Oiapoque

Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena

IEPÉ OIAPOQUE

Rua Lélío Silva 91

CEP 68980-000 – Oiapoque - Amapá

(96) 9 8411-3054

www.institutoiepe.org.br

São Paulo, 2022



www.institutoiepe.org.br